

O conector adversativo "mas": matizes semânticos e intencionalidade discursiva em artigos científicos

The adversative connector "mas": semantic nuances and discursive intentionality in scientific articles

David Ruan Bezerra SANTOS 

Universidade Estadual da Paraíba
Paraíba, Brasil
david.santos2014.01@gmail.com

Aymmée Silveira SANTOS 

Universidade Estadual da Paraíba
Paraíba, Brasil
aym.ssantos@gmail.com

Resumo: A compreensão e a elaboração de qualquer gênero textual/discursivo preveem a necessidade do uso consciente das estruturas disponíveis em nossa língua. Um dos gêneros que mais circula no ambiente acadêmico é o artigo científico, que tem como finalidade principal divulgar uma pesquisa proveniente de uma investigação. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar os matizes semânticos do conector adversativo "mas" em artigos científicos, evidenciando sua relação com a intencionalidade discursiva dos usuários responsáveis pela elaboração textual na construção argumentativa. Desdobram-se, assim, os objetivos específicos: a) identificar e descrever matizes semânticos do conector adversativo "mas" em artigos científicos; b) investigar de que maneira os usos do conector adversativo "mas" refletem a organização textual e discursiva para a concretização dos propósitos comunicativos dos autores. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratório, descritivo e analítico, tendo como embasamento teórico estudos desenvolvidos por Castilho (2014), Neves (2011), Koch e Elias (2016), Marcuschi (2008), Koch e Travaglia (2001), Antunes (2009; 2010), entre outros. Foi constatado que o "mas" é utilizado como mecanismo linguístico-discursivo que direciona e reforça a construção argumentativa, concretizando a intencionalidade do autor em artigos científicos. Torna-se crucial para o desenvolvimento do letramento acadêmico compreender as diferentes estruturas argumentativas e as estratégias necessárias para garantir coesão, organização e intencionalidade textual-discursiva em produções de divulgação do conhecimento científico.

Palavras-chave: conector adversativo "mas"; matizes semânticos; intencionalidade; artigos científicos.

Abstract: Understanding and elaborating any textual/discursive genre foresees the need for conscious use of the structures available in our language. One of the genres that circulates the most in the academic environment is the scientific article, whose main purpose is to disclose research from an investigation. In this sense, this article aims to analyze the semantic shades of the adversative connector "mas" in scientific articles, highlighting their relationship with the discursive intentionality of users responsible for the textual elaboration in argumentative construction. Thus, the specific objectives are unfolded: a) identify and describe semantic shades of the adversative connector "mas" in scientific articles; b) Investigate how the uses of the adversative connector "mas" reflect the textual and discursive organization for the realization of the authors' communicative purposes. For this, a research of a qualitative, exploratory, descriptive and analytical nature was conducted, having as theoretical background studies developed by Castilho (2014), Neves (2011), Koch and Elias (2016), Marcuschi (2008), Koch and Travaglia (2001), Antunes (2009; 2010), among others. It was found that the "mas" is used as a linguistic-discursive mechanism that directs and reinforces the argumentative construction, realizing the author's intentionality in scientific articles. It becomes crucial for the development of academic literacy to understand the different argumentative structures and the strategies necessary to ensure cohesion, organization and textual-discursive intentionality in productions of dissemination of scientific knowledge.

Keywords: adversative conector "mas"; semantic shades; intentionality; scientific articles.

1 INTRODUÇÃO

No contexto da produção de gêneros textuais/discursivos acadêmicos, existem diversos recursos que auxiliam na construção da argumentação e da discussão acerca de uma temática em circulação na sociedade. Nesse sentido, compreender as estratégias discursivas contribui para o êxito do evento comunicativo, possibilitando uma interação mais eficiente. Com isso, durante o processo de produção do artigo científico, gênero acadêmico responsável pela divulgação de resultados sobre um determinado tema, os mecanismos discursivos tornam-se essenciais para garantir a relevância do trabalho, despertando a atenção do leitor por meio de estratégias argumentativas, como o uso de conectores, que operam na articulação das ideias, na progressão temática e na construção da intencionalidade.

Dentre os conectores mais recorrentes, o adversativo “mas” destaca-se por desempenhar uma função que vai além da oposição de ideias, revelando matizes semânticos e estratégias discursivas essenciais para o saber científico. Assim, o presente trabalho, à luz da Linguística Funcional, tem como objetivo analisar os matizes semânticos do conector adversativo “mas” em artigos científicos, evidenciando sua relação com a intencionalidade discursiva dos usuários responsáveis pela elaboração textual na construção argumentativa. Desdobram-se, portanto, os objetivos específicos: a) identificar e descrever matizes semânticos do conector adversativo “mas” em artigos científicos; b) investigar de que maneira os usos do conector adversativo “mas” refletem a organização textual e discursiva para a concretização dos propósitos comunicativos dos autores.

Essa temática, fruto de uma pesquisa mais ampla de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), foi escolhida a partir da percepção das dificuldades dos discentes na produção escrita e na compreensão dos diferentes significados que o conector adversativo “mas” pode expressar. É comum que o uso do conector “mas” carregue intencionalidades muitas vezes não identificadas pelos alunos, interferindo diretamente na assimilação cognitiva das ideias presentes no texto. Ademais, a escolha de artigos científicos como *corpus* de análise se justifica pelo fato de ser um dos gêneros com os quais os alunos têm maior contato no ambiente acadêmico, sendo requisito em disciplinas, na participação em eventos acadêmicos e na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a finalização do curso.

Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza qualitativa, por abordar dados reais provenientes do meio digital acadêmico, buscando descrever e interpretar o uso do conector adversativo “mas” em artigos científicos. Além disso, o trabalho possui um caráter exploratório, descritivo e analítico, pois levanta informações sobre o conector adversativo “mas” em diferentes contextos de usos, observando sua função na construção da intencionalidade discursiva dos autores no contexto acadêmico.

Os dados foram selecionados em artigos científicos de um periódico da área de Letras disponível no Portal da Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB): revista *Discursividades*¹. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionadas 5 (cinco) amostras de utilização do conector adversativo “mas” em artigos publicados durante os anos de 2024 e 2025. Embora os trabalhos sejam públicos, decidimos identificá-los por códigos alfanuméricos: ART1, ART2, ART3, ART4 e ART5. Para a localização dos dados, utilizou-se a ferramenta de busca nos arquivos em PDF, permitindo a identificação do conector utilizado pelo autor do texto, identificando o conector “mas” e sua contribuição para a construção da intencionalidade discursiva.

Como embasamento teórico, foram utilizados estudos desenvolvidos por Castilho (2014) e Neves (2011), que abordam os matizes semânticos do conector adversativo “mas”. Além disso, recorreremos às contribuições de Koch e Elias (2016), Motta-Roth e Hendges (2010) e Marconi e Lakatos (2003) para a compreensão do gênero artigo científico. Ademais, destacam-se as reflexões de Marcuschi (2008), Koch e Travaglia (2001) e Antunes (2009; 2010) acerca da intencionalidade discursiva nas construções argumentativas.

Este artigo está organizado em três seções, além da presente introdução e das considerações finais. A seção “Matizes semânticos do ‘mas’ em gramáticas de base funcionalista” apresenta discussões acerca do conector adversativo “mas” a partir do viés da Linguística Funcional. Na sequência, a seção “O gênero artigo científico e a intencionalidade discursiva” discorre sobre questões relacionadas à construção do gênero artigo científico e à influência da intencionalidade na construção dos discursos. Por fim, na seção “Análise do conector ‘mas’ em artigos científicos”, descrevemos e analisamos os usos do conector adversativo “mas”, buscando evidenciar os matizes semânticos deste e a construção da intencionalidade discursiva dos autores dos textos selecionados.

¹ Conforme informações presentes na página eletrônica, é um periódico semestral associado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) da UEPB. Visa divulgar trabalhos inéditos, abrangendo temáticas do estudo do discurso, das línguas/linguagens e de seu ensino, dedicando-se ao estudo do funcionamento da linguagem na sociedade. Ademais, a revista aceita publicações de autores brasileiros e estrangeiros, com submissões em português, espanhol, inglês ou francês, sem nenhum custo de taxa para submissão ou publicação.

2 MATIZES SEMÂNTICOS DO “MAS” EM GRAMÁTICAS DE BASE FUNCIONALISTA

Os estudos linguísticos apresentam diversas teorias que influenciam diretamente a construção e a compreensão dos textos em circulação. Nesse contexto, a Linguística Funcional busca “descrever e explicar as unidades linguísticas vistas como veiculadoras da comunicação e como produtoras de sentido, desempenhando funções na comunidade de fala, para além de suas propriedades puramente estruturais” (Castilho, 2014, p. 676). Assim, essa teoria, assim como outras de base interacionista, como a Linguística Textual, busca compreender a língua em seu uso concreto, com foco na diversidade de gêneros textuais/discursivos, considerando os aspectos sociais e as necessidades discursivas dos falantes.

Para que ocorra a construção de sentido em um texto, uma vez que “todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo” (Antunes, 2010, p. 30), os conectores assumem papel fundamental na formação da argumentação, contribuindo para a coesão, a organização do discurso, a clareza e a coerência textual. Com isso, destacam-se os conectores adversativos, em especial o conector “mas”, foco deste trabalho. Castilho (2014, p. 351) aponta que o “mas” surge da derivação de “*magis*, advérbio latino cujo valor semântico de base era estabelecer comparações de quantidade e de qualidade”, ou seja, ao utilizar originalmente o termo, obtinha-se o sentido de inclusão, exemplificado pelo autor em “Precisava de mais linguistas” e “Ele tem mais livros do que o seu vizinho” (Castilho, 2014, p. 351).

Além disso, o autor classifica as adversativas como contrajuntivas, pois “o que é dito no segundo termo contraria expectativas geradas no primeiro, ou em outros termos” (Castilho, 2014, p. 351). Por meio dessa explicação, observam-se os matizes semânticos do conectivo² “mas”, que possibilitam diferentes propriedades discursivas e favorecem os processos comunicativos na sociedade.

² Neste trabalho, serão utilizados os termos conector, conectivo e conjunção como sinônimos, sem haver prejuízos aos objetivos do trabalho.

Castilho (2014) estuda as propriedades semântico-sintáticas do conector “mas”, situando em três possibilidades: inclusiva, contrajuntiva unindo segmentos negativos e contrajuntiva unindo segmentos afirmativos. A primeira possibilidade mantém o sentido originário de inclusão, sem realizar contraposição de maneira direta, ampliando ou reforçando a informação anterior, como em “tem um choque uma diferença uma depressão um vazio... sabe?... uma coisa incrível mesmo... **mas** incrível” (Castilho, 2014, p. 353, destaque do autor).

A segunda ocorre quando a negação está presente na sentença, seja anterior ao conector, seja após ele. Nesse caso, frequentemente, a construção de negação “não” está presente, como em “agora caminha por... talvez **não** por caminho direto **mas** por caminhos indiretos” (Castilho, 2014, p. 354, destaques do autor).

A terceira possibilidade ocorre quando a negação é transferida para o conector, através do caso de metonímia, dessa forma, o traço de adição fica mais marcante, como em “(o garoto) é mais novo que eu... **mas** tem uma compreensão... uma visão fora do comum” (Castilho, 2014, p. 354, destaque do autor).

Apresentando ideias que dialogam com as de Castilho (2014), Neves (2011, p. 601) afirma que “algumas palavras da língua que pertencem à esfera das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso”, evidenciando o papel fundamental das conjunções na organização textual. Essas unidades linguísticas fornecem subsídios para a construção da argumentação no discurso acadêmico. Para a autora, as conjunções adversativas marcam “uma relação de desigualdade entre os seguimentos coordenados” (Neves, 2011, p. 757), possuindo propriedades de ligar sintagmas, orações e períodos.

Ampliando os aspectos semânticos do “mas” apresentados por Castilho (2014), Neves (2011) defende que o conector pode evidenciar comportamentos de: contraste, compensação, restrição, negação da inferência, contraposição e eliminação. O *contraste* pode ocorrer quando expressões de significações opostas são utilizadas, como em “Vou bem. **Mas** você vai mal” (Neves, 2011, p. 758, destaque da autora), o que demonstra o estado físico/mental do locutor e do interlocutor, criando um contraste direto entre “bem” e “mal”. Além disso, pode ocorrer sem a oposição direta,

como em “O baiano sorria sem arrogância, **mas** sem o menor temor” (Neves, 2011, p. 759, destaque da autora), tendo em vista que não há a contraposição direta, mas sim a construção da dualidade presente no sorriso do sujeito.

A *compensação*, por sua vez, pode ocorrer com gradação, partindo do argumento mais fraco para o mais forte, como em “E então me cansava de chutar o freguês. Malhar, malhava; **mas** agora, com aquele bicho gordo eu não podia” (Neves, 2011, p. 760, destaque da autora). No exemplo anterior, tudo indica que, apesar do esforço constante, o sujeito não obtinha êxito devido à força do adversário, falhando em sua missão. Pode também ocorrer de maneira inversa, partindo do argumento mais forte para o mais fraco, como em “Dora afirma que lê as palavras na testa do pai acompanhando a vibração das rugas. Eu não chegava a tanto, **mas em compensação** apanho no ar os pensamentos do senhor” (Neves, 2011, p. 761, destaques da autora). Com base nesse enunciado, a utilização do “mas” expressa a compensação, em que o argumento mais forte (a habilidade de Dora) é apresentado primeiro, seguindo por um argumento mais fraco (a habilidade do eu lírico). De maneira estratégica, a afirmação menos favorável surge em segundo plano, mas é suavizada pela anterior mais forte, mantendo o valor do segundo enunciado igualmente relevante.

Além disso, pode acontecer sem envolver a gradação, como em “Longo, **mas** lido com voz clara e sem hesitações, o discurso arrancou aplausos em várias ocasiões” (Neves, 2011, p. 760, destaque da autora), em que ocorre o equilíbrio entre o apontamento negativo (discurso longo) com um aspecto positivo (clareza e segurança). Inicialmente, a estrutura aponta para uma característica desfavorável, gerando um desgaste na recepção da fala pelos ouvintes. No entanto, o segmento posterior contorna essa expectativa, suavizando a crítica implícita do primeiro segmento.

Conforme explicitado pela estudiosa, a *restrição* acrescenta uma informação que limita ou especifica o que foi dito anteriormente. Essa categoria pode ocorrer através de diferentes elementos, como por meio de um termo: “Casou-se. **Mas não** foi **com a Luizinha**” (Neves, 2011, p. 761, destaques da autora). Nesse caso, a utilização da conjunção cria uma correção à expectativa inicial, uma vez que a primeira oração “Casou-se” gera expectativas no leitor e a segunda restringe essa expectativa ao informar que o casamento ocorreu, mas não com a pessoa presumida.

Ademais, pode ocorrer através de uma circunstância: “Couto continuaria a sofrer, e muito, **mas em verso**” (Neves, 2011, p. 761, destaques da autora). Nesse contexto, ocorre a delimitação do sofrimento ao contexto poético, ou seja, o sofrimento não é negado, mas sim reformulado através da poesia. Diante disso, o sofrimento é aceito, mas realocado para um formato artístico (o verso) e não fora dele.

Outra possibilidade é por meio da qualificação restrita: “Queria que o filho fosse ministro, sim, **mas** ministro **protestante**” (Neves, 2011, p. 761-762, destaques da autora). À luz dessa situação, o conector “mas” não nega a afirmação anterior (o desejo de que o filho fosse ministro), mas a delimita, especificando que esse desejo se refere a um tipo específico de ministro (o protestante). Nesse caso, a conjunção confere maior precisão ao enunciado, especificando o desejo da mãe.

Diferentemente, a *negação da inferência* caracteriza-se por ocorrer quando o conectivo contraria o que foi dito anteriormente, como em “o plano tinha uma característica que dificultada sua exequibilidade [ser amplo], **mas** [ainda assim] era exequível” (Neves, 2011, p. 762, destaque da autora). Aqui, a característica que dificultava a exequibilidade do plano sugere sua inviabilidade, mas o conector inverte essa posição ao afirmar que o plano era exequível. Ademais, esse fenômeno pode ocorrer de forma lexicalizada, como em “**Eu sabia** que não estava direito, pois o coitado do doutor... **mas** eu não podia deixar a mulher naquele estado, podia?” (Neves, 2011, p. 762, destaques da autora). No exemplo anterior, a conjunção introduz uma justificativa da passividade da locutora diante da situação, legitimando e justificando sua ação mesmo tomando consciência do ato.

Na sequência, para a autora, a *contraposição* é um fenômeno que pode ocorrer na mesma direção, quando “o segundo argumento é superior, ou, pelo menos, não inferior ao primeiro”, como em “o sertão, para ele, não é uma coisa, **mas principalmente** uma ideia e um sentimento” (Neves, 2011, p. 763, destaques da autora). Outra possibilidade é que ocorra de forma independente, ou seja, o segundo segmento traz à tona uma informação ainda não mencionada, tornando o argumento anterior menos relevante, como em “Gostaria de ver o Zico na Gávea até a morte, **mas** reconheço que ele tem direito a este último contrato milionário” (Neves, 2011, p. 764, destaque da autora). Ou ainda, pode ocorrer de forma lexicalizada, como em

“O assunto é polêmico, **mas o importante** é deixar claro que toda relação estatística precisa ser discutida à luz de outros conhecimentos” (Neves, 2011, p. 764, destaques da autora).

A estudiosa encerra a apresentação dos matizes semânticos com a denominada *eliminação*, ocorrida quando a conjunção desconsidera o elemento anterior sem inserir outro elemento no lugar, como em “- Terá sido mesmo? **Mas** não, não pode ter sido” (Neves, 2011, p. 770, destaque da autora). Nesse exemplo, a locutora desconsidera totalmente a ideia anterior, sem propor uma reformulação. Em outra situação, após a eliminação, pode ocorrer a inserção de um novo elemento que substitui o anterior, como no trecho “— É muito ruim ser feio. — Mas, meu bem, por que você fala assim? — Eu sou feia” (Neves, 2011, p. 770). Aqui, a eliminação se dá por meio do questionamento do motivo da interlocutora considerar ruim ser feia, sendo em seguida justificado por sua autoimagem. Além disso, um elemento da situação anterior pode ser rejeitado, como em “Cravei o olhar nas cerejas (...) Ela desprende-as rapidamente: — Já vi que você gosta, pronto, uma lembrança minha. — **Mas** ficam tão linda aí, lamentou madrinha” (Neves, 2011, p. 770, destaque da autora). Ou seja, a lembrança deveria permanecer em seu local e não ser presenteada, rejeitando a proposta anterior.

Através das contribuições de Castilho (2014) e Neves (2011), que serão retomadas na seção de análise dos dados, percebem-se os matizes semânticos que permeiam os conectores adversativos nas construções textuais. Assim, na seção a seguir, discorreremos sobre o gênero artigo científico, bem como a pertinência da intencionalidade em sua construção, de modo a compreender sua contribuição nos discursos acadêmicos.

3 O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO E A INTENCIONALIDADE DISCURSIVA

O gênero artigo científico é amplamente difundido na comunidade acadêmica, caracterizando-se, segundo Koch e Elias (2016), como “fruto de um processo extremamente complexo de linguagem e interação social, de construção social de sujeitos, de conhecimentos de natureza diversa” (Koch; Elias, 2016, p. 18). Trata-se, portanto, de um gênero cuja compreensão é necessária para a circulação e divulgação científica, além de ter relevância

para esta pesquisa, por constituir o objeto de estudo do trabalho. Por essa razão, é relativamente solicitado na comunidade acadêmica, considerando que, independentemente da área, os alunos são orientados pelos docentes a lerem e produzirem o gênero (Sousa, 2012).

A socialização do conhecimento científico é fundamental para o compartilhamento de descobertas e inovações no campo acadêmico, sendo o artigo científico um dos principais meios para que essa ação seja viabilizada. Para Motta-Roth e Hendges (2010):

Um artigo pode ser visto como um documento escrito por um ou mais pesquisadores para relatar os resultados de uma atividade de investigação. Cada área e cada problema de pesquisa determina o modo como a pesquisa será desenvolvida e, como consequência, a configuração final do artigo que relatará a pesquisa (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 66).

Com base nisso, para as autoras, o referido gênero constitui uma importante possibilidade de disseminação dos saberes produzidos no meio acadêmico, sendo estruturado conforme as especificidades de cada área do conhecimento. De modo semelhante, Marconi e Lakatos (2003) definem os artigos científicos como “pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro”, além de proporcionar “não só a ampliação de conhecimentos como também a compreensão de certas questões” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 259).

Seguindo essa premissa, evidencia-se a relevância do gênero em questão para o avanço da ciência, uma vez que deve abordar uma temática relevante e acessível aos leitores, permitindo que seja compreendido, debatido e aprimorado. Por sua importância, as escolhas linguísticas nesse contexto são intencionais e demandam estratégias discursivas para despertar e manter o interesse dos leitores.

Nesse sentido, a intencionalidade surge como um elemento essencial, visto que esse critério, “centrado basicamente no produtor do texto, considera a intenção do autor como fator relevante para a textualização” (Marcuschi, 2008, p. 126). Ou seja, nessa perspectiva, toda construção discursiva elaborada pelo autor é motivada por um objetivo específico definido por ele. Para ilustrar essa ideia, Marcuschi (2008, *apud*

Beaugrande, 1997) menciona o exemplo de uma lista telefônica: para que possua coesão e coerência, é necessário considerar a intenção de quem a produz e a forma como essa proposta será aceita pelos usuários. Assim, existe um jogo semântico e sintático que visa garantir a compreensão global do texto, influenciando diretamente a forma como os leitores o percebem.

De maneira semelhante, Koch e Travaglia (2001) argumentam:

A intencionalidade tem relação estreita com o que se tem chamado de argumentatividade. Se aceitarmos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma 'cópia' do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem (Koch; Travaglia, 2001, p. 80).

A partir dessa concepção, infere-se que a intencionalidade apresenta relação intrínseca com a argumentatividade, uma vez que, na produção de textos, diversos aspectos subjacentes ao mundo social (como convicções, crenças e perspectivas) interferem diretamente na construção dos discursos dos indivíduos. Trata-se, portanto, de um processo no qual o produtor do texto busca, através da linguagem, influenciar seus interlocutores e direcionar sentidos. Logo, para que esse movimento se concretize, é necessário o uso de estratégias argumentativas que sustentem a coerência e reforcem os propósitos comunicativos. Entre essas estratégias, destaca-se o uso do conector adversativo "mas", que contribui para a construção da coerência e a concretização da intencionalidade discursiva.

Entretanto, é importante ter cuidado ao tratar da questão da intencionalidade, uma vez que, embora os textos sejam produzidos com determinadas intenções, a interpretação recai, em grande parte, sobre o leitor. Marcuschi (2008) alerta que "se essa posição não chega a decidir uma primazia do autor, isto já desloca todos os princípios da dialogicidade para um plano de subjetividade inaceitável" (Marcuschi, 2008, p. 127). Por isso, cabe ao autor criar pistas ao longo do texto, de modo que sua intenção possa ser percebida e compartilhada na interação.

Nesse diapasão, cabe reforçar que a intencionalidade discursiva está atrelada ao processo de interação, o que torna indispensável pensar na

intenção comunicativa do locutor/produtor com vistas à aceitação do interlocutor/leitor do texto. Só dessa maneira, pode-se falar em existência de um texto, quer seja oral, quer seja escrito (Beaugrande e Dressler, 1981).

Ademais, Antunes (2009) chama atenção para a distinção entre intenção e intencionalidade. Para ela, a intenção corresponde a algo individual e interno do falante, relacionado ao desejo de expressar suas ideias e vontades. Já a intencionalidade, no sentido linguístico/discursivo, implica transformar essa intenção em um discurso organizado e compreensível, com coerência e clareza que possibilitem uma interpretação bem-sucedida.

Dessa forma, compreende-se que a produção do artigo científico demanda bastante cuidado, com escolhas linguísticas essenciais para expressar intenções e organizar argumentos. Nesse contexto, o conector adversativo “mas” torna-se um recurso indispensável, contribuindo para a construção do discurso acadêmico e para a concretização da intencionalidade.

A seguir, analisamos como esse conector se manifesta em artigos científicos, evidenciando seus matizes semânticos e sua relação com a organização discursiva desses textos.

4 ANÁLISE DO CONECTOR “MAS” EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

A presente seção tem como objetivo analisar os matizes semânticos do conector adversativo “mas” em artigos científicos do periódico selecionado, buscando identificar sua relação com a intencionalidade discursiva dos autores na construção argumentativa. Para isso, são consideradas as categorias semânticas propostas por Castilho (2014) e Neves (2011), e o modo como esses conectores contribuem para a construção da intencionalidade dos autores.

Embora todo usuário da língua tenha uma gramática internalizada e faça uso das estruturas linguísticas muitas vezes de modo automático, o paradigma funcional entende que a gramática emerge do uso, em conformidade com o exigido no contexto de produção. Sob essa perspectiva, vejamos o que revela a primeira ocorrência do *corpus* analisado:

Outrossim, após as panquecas estarem prontas e os alunos experimentarem sua própria produção, os estagiários pediram a atenção dos alunos para revelar que não eram norte-americanos, **mas** brasileiros, e que, mesmo não sendo nativos de algum país cuja língua inglesa é a oficial, era e é possível se expressar e se comunicar em inglês (ART1).

O conector em destaque, localizado na seção de resultados e discussões, marca um momento importante para a discussão da temática, uma vez que essa parte do artigo proporciona o momento ideal para a reflexão crítica sobre os dados selecionados, fortalecendo a argumentação acerca da temática trabalhada.

Nesse contexto, com base nas discussões de Castilho (2014) e Neves (2011), o conectivo “mas” pode ser entendido como uma contrajunção unindo segmentos negativos, pois contrapõe a negação explícita (“não eram norte-americanos”) a uma afirmação (“brasileiros”), revelando, assim, uma nacionalidade distinta da mencionada no primeiro segmento. Essa estratégia evidencia o primeiro segmento, reforçado pela presença da negação “não”. Para Neves (2011), esse uso configura uma relação de negação da inferência, já que o “mas” contribui para anular a expectativa inicial dos alunos sobre a identidade dos professores, especificando que, mesmo fluentes em inglês, são brasileiros e não norte-americanos.

Por meio dessa estratégia, o autor busca induzir os leitores a refletirem sobre as identidades nacionais, questionando o estigma relacionado ao falar fluentemente uma língua estrangeira, mostrando que essa competência não anula a identidade brasileira. Assim, o conector funciona como um suporte para a discussão de um tema sensível de maneira mais cuidadosa, ajudando o autor a se proteger de críticas excessivas e permitindo que o discurso motivacional ocorra. Vejamos outra ocorrência:

A princípio, com a finalidade de trabalhar o eixo da oralidade, particularmente o de compreensão oral, os alunos inicialmente escutaram a música sem o acompanhamento da letra, nem da atividade com as questões, para então serem questionados sobre o que eles haviam entendido. Após, foi entregue a folha com a atividade, e os alunos escutaram novamente, **mas** dessa vez acompanhando a letra da música (ART2).

O conector em questão, localizado na seção de resultados e discussões, assume uma força argumentativa relevante, pois esse espaço do gênero artigo científico visa discutir acerca dos dados encontrados, em vias de identificar padrões, contraste e suas interpretações. Dessa forma, a intencionalidade do autor se torna evidente, uma vez que a utilização de estratégias linguísticas, como o “mas”, é planejada de maneira cuidadosa para articular as ideias resultantes da análise dos dados.

Na ocorrência apresentada, à luz das categorias propostas por Castilho (2014) e Neves (2011), o conector pode ser interpretado como um caso de inclusão, já que não realiza a contraposição direta entre os argumentos. Pelo contrário, o segundo segmento amplia o anterior, intencionando o leitor a compreender que os alunos não apenas escutaram a música, mas também acompanharam com a letra, possibilitando maior envolvimento com o material. Ademais, o conector opera em um caso de restrição por meio de uma circunstância, como observa Neves (2011), em que a escuta foi delimitada para o apoio visual da letra.

Portanto, a escolha do conector “mas” contribui para fortalecer a intencionalidade do autor, permitindo uma progressão discursiva suave, porém crítica, sem romper o encadeamento lógico. Com essa estratégia, o autor cria condições para que o leitor reflita sobre a importância da associação entre diferentes modalidades de ensino, destacando a leitura e a audição como mecanismos importantes no processo de aprendizagem.

Observemos o terceiro dado no excerto a seguir:

A análise crítica de discursos como o de Nikolas Ferreira revela não apenas o potencial persuasivo desses conteúdos, **mas** também a urgência de uma escuta crítica e bem fundamentada, capaz de identificar falácias e contradições nos argumentos proferidos por figuras públicas digitais (ART3).

O conector em destaque, localizado na seção de considerações finais, ocupa uma posição estratégica para o fechamento da discussão, revelando as intenções finais do artigo científico em promover a conscientização e a reflexão crítica sobre os movimentos políticos na esfera digital.

Nesse excerto, o uso do “mas”, de acordo com Castilho (2014), pode ser entendido como inclusivo, uma vez que não apresenta uma negação

explícita, mas sim um acréscimo que realça o valor argumentativo do enunciado. Assim como no exemplo anterior, trata-se de uma estrutura correlativa do tipo “não só..., mas também”, em que não há a contraposição de ideias, mas sim uma ênfase e acréscimo de informação. No texto, percebe-se uma progressão que parte da constatação do “potencial persuasivo” para enfatizar a “urgência de uma escuta crítica e bem fundamentada”, reforçando a importância de ambas as ações para o letramento digital. Para o autor, o foco principal é no estímulo dos leitores para uma leitura/escuta mais atenta e crítica.

Além disso, tendo como alicerce as categorias explicitadas por Neves (2011), o conectivo pode ser interpretado como um caso de contraposição na mesma direção, apresentando um contraste implícito entre persuadir e refletir criticamente. Nesse contexto, há dois aspectos distintos, entretanto, relacionados: a capacidade de convencer (que pode representar um risco) e a necessidade de escuta crítica (uma resposta a esse problema). Em um cenário em que as informações circulam muitas vezes sem análise crítica, o autor enfatiza essa postura passiva, intencionando que os leitores adotem uma atitude mais reflexiva e consciente. Portanto, o uso do conector “mas” é um recurso argumentativo poderoso que reforça a intencionalidade do autor em alertar para a necessidade de um posicionamento crítico acerca de discursos políticos sensacionalistas veiculados pelas plataformas digitais.

Vejamos um caso em que o conector “mas” funciona como contrajuntivo unindo segmentos afirmativos e revela negação de inferência:

Tais registros evidenciam a sobrevivência e a descoberta na carreira docente: por um lado, desmistificam a profissão; por outro, reconhecem que alguns desafios não lhes foram ensinados no âmbito acadêmico, **mas** que a partir dessas primeiras experiências, descobrem que impor um limite nas ‘conversas paralelas’ e tentar seguir com o planejamento das aulas contribuem para o aperfeiçoamento do ensino (ART4).

A presença deste conector na seção de resultados e discussões estabelece uma relação importante ao decorrer do texto, articulando a reflexão sobre a prática de docentes recém-formados frente aos desafios reais da sala de aula.

Nesse sentido, conforme as ideias de Castilho (2014), ele pode ser compreendido como um caso de contrajunção unindo segmentos afirmativos, já vez que cria um contraste entre duas situações afirmativas sem negação explícita, articulando a primeira evidência (lacuna na formação acadêmica) com a segunda (o impacto positivo da experiência prática). O objetivo do autor é esclarecer para o leitor sobre as dificuldades enfrentadas, em especial pelos professores iniciantes, mostrando que embora a realidade seja dura, essas questões são aprendidas e superadas com a vivência. Ademais, de acordo com Neves (2011), o uso do “mas” pode ser interpretado como um caso de negação de inferência, pois o primeiro segmento (reconhecimento do despreparo no âmbito acadêmico) leva a inferência de que os docentes não estariam preparados para lidar com a sala de aula. A conjunção, nesse contexto, nega essa expectativa, indicando que, mesmo sem a formação prévia ideal, os professores conseguem desenvolver habilidades práticas e construir conhecimento a partir da experiência. Dessa forma, o autor direciona o leitor a não se deter apenas nas limitações da formação acadêmica, mas a reconhecer o aspecto formativo e transformador da experiência profissional.

Por fim, expomos o quinto dado a seguir:

Ao não se referir à morte de Guilherme como um caso de uma morte autoprovocada, a Faculdade não só reproduz e cristaliza sentidos relacionados à perpetuação do tabu associado a esse tipo de morte, como também comete uma – das tantas – violências ao abordar a temática: a exclusão. Essa exclusão não acontece em nome de uma propensa ‘cautela’, **mas** sim da reprodução do pensamento de que, ao silenciar um caso de suicídio, não haverá risco de, em último caso, influenciar outras pessoas a agirem da mesma maneira (ART5).

O conector em destaque, localizado na seção de resultados e discussões, sobre as práticas discursivas de uma instituição acadêmica, assume uma função argumentativa essencial no texto, ao denunciar e expor de forma crítica a maneira como o tema do suicídio é silenciado e tratado de forma equivocada e banal. Nesse contexto, o conector torna-se um recurso poderoso para a construção da argumentatividade, reforçando a intencionalidade crítica do autor.

De acordo com Castilho (2014), o uso do conectivo “mas” pode ser caracterizado como uma contrajunção unindo segmentos negativos, pois o

trecho apresenta uma estrutura composta, inicialmente, por um primeiro segmento com negação explícita (“não acontece em nome de uma propensa ‘cautela’”) seguido de um contraste afirmativo no segundo (“mas sim da reprodução do pensamento [...]”). Esse mecanismo faz com que o autor direcione o foco interpretativo ao segundo segmento, demonstrando o âmago do problema e a real motivação da instituição, marcada pelo despreparo e pelo desrespeito no tratamento do tema. Além disso, conforme as contribuições de Neves (2011), o uso do “mas” pode ser interpretado como um caso de contraste com significação oposta, já que contrapõe duas motivações com valores semânticos opostos: inicialmente, nega-se a justificativa de uma provável “cautela” atribuída pela universidade e afirma, em seu lugar, a “reprodução do pensamento” que perpetua o silêncio e o tabu sobre a temática do suicídio. Assim, não apenas se estabelece uma contraposição, mas um contraste direto e oposto entre justificativas de naturezas distintas. Essa estratégia discursiva cria uma crítica clara, observando as contradições institucionais e revelando a motivação do autor de desmascarar as práticas de silenciamento e negligência das instituições no contexto educacional.

Com base nos dados analisados, essa discussão nos leva a entender que fazemos uso da língua, incluindo a gramática, a serviço de fatores interacionais, com vistas a atender determinados propósitos comunicativos. Tal reflexão nos permite identificar com maior precisão as múltiplas facetas envolvidas na argumentação acadêmica, favorecendo a divulgação científica. Dessa maneira, contribui-se para a formação de cidadãos críticos, capazes de refletir sobre as diversas estratégias presentes na escrita acadêmica e de participar ativamente na promoção da ciência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, buscamos alcançar o objetivo de analisar os matizes semânticos do conector adversativo “mas” em artigos científicos, evidenciando sua relação com a intencionalidade discursiva dos usuários responsáveis pela elaboração textual na construção argumentativa. Para isso, examinamos cinco exemplares do comportamento do conector, avaliando seus aspectos semânticos e sua função na construção dos propósitos comunicativos. Observamos que o

“mas” é utilizado como mecanismo linguístico-discursivo que direciona e reforça a construção argumentativa, concretizando a intencionalidade do autor em artigos científicos.

Além disso, discutimos sobre a importância do gênero artigo científico no contexto acadêmico. Torna-se crucial para o desenvolvimento do letramento acadêmico compreender as diferentes estruturas argumentativas e as estratégias necessárias para garantir coesão, organização e intencionalidade textual-discursiva em produções de divulgação do conhecimento científico. Capacitar o senso crítico da sociedade em geral também possibilita que as informações científicas sejam mais bem assimiladas e discutidas.

Concluimos que o estudo dos matizes semânticos do conector “mas”, aliado à análise da intencionalidade discursiva, representa um avanço significativo na compreensão da língua e dos discursos veiculados na esfera científica. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa contribua para ampliar as reflexões sobre o impacto da intencionalidade na construção argumentativa e para fomentar discussões que fortaleçam a escrita e a divulgação científica.

Agradecimentos:

Ao programa PIBIC/CNPq-UEPB, pelo incentivo à realização deste trabalho, bem como à pesquisa científica em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to Text Linguistics.** London: Longman, 1981.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar.** São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos de português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOUSA, Maria Gilmária Vale. Artigo de pesquisa. In: SILVA, Elizabeth Maria da. (Org.) **Professora, como é que se faz?** Campina Grande: Bagagem, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Portal de Periódicos da Universidade Estadual da Paraíba**. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SANTOS, David Ruan Bezerra; SANTOS, Aymmé Silveira. O conector adversativo "mas": matizes semânticos e intencionalidade discursiva em artigos científicos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e96355, 2025. DOI: 10.36517/ep15.96355